
RESENHA

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Antonio Carlos Jucá de Sampaio
Dep. de História – UFOP

Muito se tem falado, neste final de século marcado pelo que muitos denominam, apressadamente, de crise do racionalismo, da impossibilidade de se fazer uma história voltada para o estudo das estruturas sociais mais amplas (sobretudo as sócio-econômicas). Dessa postura tem derivado, em nossa área, a multiplicação de objetos. Toda e qualquer manifestação cultural humana torna-se passível de análise pelo olhar atento do historiador. Até aí estamos de acordo, e esta é, ao nosso ver, a premissa que guiava os pais da história moderna, Lucien Febvre e Marc Bloch. O problema aparece na forma de abordagem do objeto, ou seja, quando este é tomado como uma totalidade *em si*, sem a necessidade de se fazer referências às totalidades mais amplas em que está inserido. O resultado é o surgimento de uma série de pesquisas puramente factuais, sem qualquer referência a quadros teóricos mais gerais e que, por isso mesmo, são completamente incapazes de “explicar o objeto”. Trata-se enfim do retorno da velha história factual, ainda que sob nova roupagem¹. Uma história domesticada, não-questionadora, que aponta “origens” mas nada explica.

Dentro deste quadro, de caráter profundamente reacionário, há que se saudar o aparecimento de trabalhos de fôlego, como o de Sheila de Castro Faria. Professora da Universidade Federal Fluminense, onde também fez seu mestrado e doutorado, Sheila Faria insere-se dentro de uma linha de pesquisa em história agrária que aí surgiu e

¹ Não é nossa pretensão aqui, entediado o leitor com uma discussão teórica sobre as diversas correntes historiográficas. A posição aqui defendida é apresentada de forma bem mais completa por Ciro Cardoso em dois textos fundamentais: CARDOSO, Ciro. “Uma ‘Nova História’?”. In: CARDOSO, Ciro. *Ensaio Racionalistas*. Rio de Janeiro, Campus, 1988, pp. 93-117. _____, “Introdução”. In: _____ e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

desenvolveu-se sob os auspícios dos professores ciro cardoso e maria yedda linhares. O livro aqui apresentado é o resultado imediato de sua tese de doutoramento, mas é também fruto de uma pesquisa de longo prazo da autora sobre o município de campos dos goitacases no período escravista, iniciada em sua dissertação de mestrado². A consequência disso é um claro domínio do tema pela autora, que transparece em todo o texto.

A obra, embora centrada no estudo do município de Campos (que, no período colonial, significava todo o atual norte fluminense), busca lançar luz sobre como seria o cotidiano colonial. Faz isso tentando enriquecer o nosso conhecimento sobre este período, ainda relativamente pouco freqüentado pelos historiadores, o que é ainda mais verdadeiro no caso do Rio de Janeiro. Temas tão diversos quanto os padrões demográficos, as estratégias de ascensão social, a sexualidade e as características das moradias e da ocupação da terra fazem parte da obra. Sua análise da população liberta é uma das mais instigantes acerca do período colonial. Entretanto, como adverte a autora já na introdução, não se trata de apresentar a região em foco como “exemplar”, ou seja, como um modelo generalizável para toda a colônia em todo o período colonial, como ainda é, infelizmente, bastante freqüente.

O grande tema da obra é, sem dúvida, a mobilidade, como o próprio título já indica. Uma abordagem inovadora no estudo do período escravista, pois seus especialistas possuem geralmente uma visão da sociedade de então como essencialmente estática, com as transformações ocorrendo aí numa velocidade bastante reduzida³. No livro de Sheila Faria, pelo contrário, esta sociedade aparece como algo essencialmente móvel, e que só pode ser compreendida a partir deste referencial.

² FARIA, Sheila de C. “Terra e trabalho em Campos dos Goitacases (1850-1920)”. Niterói, UFF, 1986 (Dissertação de Mestrado).

³ Isso é verdade sobretudo no estudo das áreas agroexportadoras. No caso das regiões mineradoras, a própria rapidez na constituição de sua sociedade e suas transformações subsequentes logo sepultaram qualquer possibilidade de se estudar sua “imobilidade”.

Em primeiro lugar, móvel em termos sociais. Neste aspecto, Faria simplesmente reforça o que outras pesquisas já têm apontado⁴: havia uma profunda instabilidade econômica na sociedade colonial, e dificilmente uma família conseguia permanecer no topo da hierarquia social por mais de duas gerações. Ao contrário do que muitos poderiam imaginar, esta instabilidade não vinculava-se a flutuações do comércio internacional, mas estava ligada ao exercício contínuo de uma atividade muito mais ligada, idealmente, à noção de uma riqueza estável porque conservadora: a agricultura, inclusive em sua fração exportadora. Neste sentido, é notável perceber, acompanhando os casos analisados por Faria, como aquelas famílias da elite que não se “oxigenaram”, aliando-se através do matrimônio com o capital mercantil, passaram por um processo de inexorável decadência, ainda que algumas vezes mantivessem seu prestígio social.

Em segundo lugar, mobilidade espacial. Seguindo uma trilha aberta, entre outros, por Carlos Bacellar e Alida Metcalf⁵, Sheila Faria nos mostra como a mobilidade era um elemento importante na estratégia dos colonos que buscavam ascender socialmente ou simplesmente constituir uma unidade econômica autônoma. Ao contrário de outros autores, porém, Faria não preocupa-se apenas com a saída de membros da sociedade campista para outras áreas, como também (aliás, principalmente) com aqueles que demandavam o norte fluminense.

Pessoas migravam em busca de terras ainda não apropriadas, de enriquecimento em áreas de fronteira consideradas promissoras, para ocupação de cargos públicos da burocracia colonial (o que também era, geralmente, um meio eficaz de enriquecimento), etc. A migração não tinha, entretanto, um caráter aleatório. Migrava-se para áreas onde já existiam pessoas conhecidas (ou indicadas), parentes, etc. Buscava-se, portanto, áreas onde já se tivesse estabelecido laços

⁴ Entre as obras que apontaram esta mobilidade social, podemos destacar: FRAGOSO, João. Homens de grossa aventura. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.; _____ e FLORENTINO, Manolo. O arcaísmo como projeto. Rio de Janeiro, Diadorim, 1993.

⁵ BACELLAR, Carlos de A. P., Família, herança e poder. São Paulo, CEDHAL, 1991. METCALF, Alida, "Fathers and sons: the politics of inheritance in a colonial brazilian township." In: HAHR 66:3, Duke University Press, 1986.

sociais prévios, que facilitassem a inserção do forasteiro na nova comunidade, uma empresa de caráter político sempre delicado.

O resultado final é uma obra de enorme importância para todos historiadores ligados ao estudo da sociedade escravista brasileira, sobretudo aqueles que se dedicam ao período colonial. E isto tanto graças aos resultados que apresenta quanto às preocupações metodológicas sempre presentes, resultado de uma verdadeira obsessão da autora no trato com as fontes.

Por fim, gostaria de fazer uma observação a título de contribuição para o enriquecimento dos estudos coloniais em geral. Parece-me que já passamos da hora de darmos maior atenção para a produção historiográfica extremamente rica existente acerca de outros países da América Latina. Todos os temas sobre os quais hoje nos debruçamos (relativos a esse período) encontram-se já bastante estudados no que se refere a outras áreas da nossa região. Um maior conhecimento dessa produção só poderia nos ser de grande utilidade na construção de um quadro teórico mais geral da nossa própria experiência colonial.